

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

EDGAR GARCIA VELOZO

**DESAFIOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA EM REGIÃO DE FRONTEIRA:
O CASO DA FRONTEIRA DE AMBAS ACEGUÁS**

PORTO ALEGRE, 2019

EDGAR GARCIA VELOZO

**DESAFIOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA EM REGIÃO DE FRONTEIRA:
O CASO DA FRONTEIRA DE AMBAS ACEGUÁS**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Geografia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Dorfman

PORTO ALEGRE, 2019

Poema 34 de Noite nu Norte
a la memoria de mi madre

Mi madre falava mui bien, yo entendía.
Fabi andá faser los deber, yo fasía.
Fabi traseme meio litro de leite, yo trasía.
Decí pra doña Cora que amañá le pago, yo dicía.
Deya iso gurí y yo deiyava.

Mas mi maestra no entendía.
Mandava cartas en mi caderno
todo con rojo (igualsito su cara) y firmaba imbaiyo.

Mas mi madre no entendía.
Le iso pra mim hijo y yo leía.

Mas mi madre no entendía.
Qué fiseste meu fío, te dice que te portaras bien
y yo me portava.

A historia se repitió por muintos mes.
Mi maestra iscrevía mas mi madre no entendía.
Mi maestra iscrevía mas mi madre no entendía.

Intonces certo día mi madre entendió y dice:
Meu fío, tu terás que deiyá la iscuela
y yo deiyé.

Fabían Severo

AGRADECIMENTOS

A primeira ideia referente ao tema deste projeto se deu na disciplina de Metodologia de Pesquisa em Geografia no segundo semestre de 2017, mas só em 2019 que ela teve seguimento na elaboração do presente trabalho. Trabalho esse que marca o final de cinco anos da graduação de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o fechamento de uma etapa que foi marcada por muitos acontecimentos, crescimentos e (des)construções.

Primeiramente agradeço a meus pais, que desde o início do ensino básico me mostraram a importância da busca pela informação e construção do conhecimento. Assim como, apoiaram minhas decisões, mesmo que não entendessem bem o porquê de elas serem tomadas. Com eles, aprendi também, a ir atrás de caminhos que me fizessem bem, associando meus sonhos e aptidões, e não apenas escolhendo trajetórias com objetivos fúteis.

Seria irreal não mencionar meus amigos, cujos nomes não vou listar porque a lista é longa e não gostaria de esquecer alguém. Sem o apoio delas e deles seria impraticável a minha permanência no curso de Geografia e meu percurso durante a graduação não teria sido tão frutífero. Tanto as amigas da época da escola, quanto as amizades formadas e consolidadas durante o período em que estive na Universidade, contribuíram e seguem contribuindo comigo, seja ao me auxiliarem nas decisões dos próximos passos, seja ao escutarem minhas frustrações, indagações e reclamações.

Agradeço a minha orientadora, Dra. Adriana Dorfman, que desde 2018 tem me incentivado, impulsionado e aconselhado no âmbito acadêmico, com diversas discussões e realizações neste um ano e meio de orientação. Desde organização de eventos acadêmicos, reuniões do grupo de pesquisa, revisão de textos, congressos etc., pude aprender imensamente e me aproximar de um campo pelo qual tenho muito apreço e espero seguir investigando e contribuindo ao longo dos próximos anos.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul que me abrigou durante os últimos cinco anos e me mostrou a eficiência e importância do conhecimento e educação. Tanto com as aulas, seminários, bolsas de iniciação científica, extensão, monitoria etc., pude trabalhar, aprender e ensinar, a partir de projetos e recursos de um espaço educacional público e de qualidade, que espero que se mantenha vivo

por muito tempo e proporcione a muitas outras pessoas a experiência que tive e continuo a ter lá dentro.

Importante lembrar e mencionar o auxílio da Sara, do Vando, do Heber e da diretora Marisa, que sempre prontamente me ajudaram na busca e organização do trabalho de campo. Me receberam na fronteira, nas escolas e me auxiliaram na pesquisa. Contribuíram intensamente com os diálogos, no planejamento e logística do trabalho. Sem vocês, esse trabalho de conclusão de curso não teria sido realizado de forma tão produtiva e enriquecedora.

E, por fim, agradeço à banca aqui presente, as doutorandas Janaína e Ludmila, por se prontificarem a ler a monografia e contribuir para a discussão e desenvolvimento da pesquisa, para assim, pensarmos nos próximos passos e soluções para os desafios do ensino de Geografia em regiões fronteiriças.

RESUMO

Ao se discutir educação e ensino em regiões fronteiriças, devem ser levados em conta diversos aspectos: os fluxos transfronteiriços, a economia interdependente, os diálogos institucionais e a cultura integrada. Em Ambas Aceguás, o par de cidades-gêmeas presente na fronteira sul do Brasil com o Uruguai, se observa uma integração cultural consolidada e a presença de uma identidade fronteiriça própria. Este trabalho busca analisar essa identidade fronteiriça intercultural a partir de escolas brasileiras e uruguaias e identificar quais são os desafios referentes ao ensino de Geografia na região. Através de discussões teóricas sobre a interculturalidade nas fronteiras, abordando a educação e o ensino de Geografia como importantes elementos na formação de identidade, se nota uma necessidade da presença das vivências interculturais dos alunos em sala de aula. Trabalhos de campo foram realizados nas escolas de ambas cidades com entrevistas e observações, para se formular um estudo sobre os desafios e potencialidades do ensino de Geografia em regiões fronteiriças, especificamente em Ambas Aceguás.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Fronteiras; Interculturalidade; Região fronteiriça.

ABSTRACT

When discussing education and teaching in border regions, several aspects should be taken into account: cross-border flows, the interdependent economy, institutional dialogues and the integrated culture. In Ambas Aceguás, a pair of twin cities located in the southern border of Brazil with Uruguay, there is a consolidated cultural integration and the presence of a border identity of its own. This paper seeks to analyze the intercultural border identity formed through Brazilian and Uruguayan schools and to identify the challenges related to Geography teaching in the region. Through theoretical discussions about interculturality in the border, approaching education and Geography teaching as important elements in the identity formation, it becomes visible the need of the presence of the students' intercultural experiences in the classroom. A fieldwork in the schools of both cities with interviews and observations was planned, in order to build a study which explores the challenges and potentialities of Geography teaching in border regions, specifically in Ambas Aceguás.

Keywords: Geography teaching; Borders; Interculturality; Border region.

RESUMEN

Al analizar la educación y la enseñanza en las regiones fronterizas, se deben tener en cuenta varios aspectos: los flujos transfronterizos, la economía interdependiente, los diálogos institucionales y la cultura integrada. En Ambas Aceguás, el par de ciudades gemelas presentes en la frontera sur de Brasil con Uruguay, existe una integración cultural consolidada y la presencia de su propia identidad fronteriza. Este texto busca analizar esta identidad fronteriza intercultural de las escuelas brasileñas y uruguayas e identificar los desafíos relacionados con la enseñanza de la geografía en la región. Por medio de discusiones teóricas sobre la interculturalidad en las fronteras, abordando la educación y la enseñanza de la Geografía como elementos importantes en la formación de la identidad, se advierte la necesidad de la presencia de las experiencias interculturales de los alumnos en el aula. El trabajo de campo se llevó a cabo en las escuelas de ambas ciudades con entrevistas y observaciones, para formular un estudio sobre los desafíos y las potencialidades de la enseñanza de la geografía en las regiones fronterizas, específicamente en Aceguás.

Palabras clave: Enseñanza de geografía; Fronteras; Interculturalidad; Región fronteriza

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização das cidades de Aceguá (BRA) e Aceguá (URU)	23
Figura 2 - Vista do marco fronteiro e do <i>free shop</i> localizado no lado uruguaio da fronteira	24
Figura 3 - Localização das escolas visitadas durante o trabalho de campo	26
Figura 4 - Fachada da Escola Nº 74 em Aceguá (URU)	28
Figura 5 - Café da manhã na Escola Nº 74 em Aceguá (URU)	28
Figura 6 - Sala de aula do 4º ano na Escola Nº 74 em Aceguá (URU)	30
Figura 7 - Vista de um dos corredores da E.M.E.F Nossa Senhora das Graças em Aceguá (BRA)	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BRA	Brasil
E.M.E.F	Escola Municipal de Ensino Fundamental
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PEIF	Programa Escolas Interculturais de Fronteira
PNE	Plano Nacional de Educação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
URU	Uruguai

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. ORGANIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO TRABALHO	14
3. APRESENTANDO OS PRINCIPAIS CONCEITOS	16
4. SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA EM REGIÕES FRONTEIRIÇAS	17
4.1. Aspectos específicos do ensino em regiões fronteiriças	18
5. VIVÊNCIAS INTERCULTURAIS EM AMBAS ACEGUÁS	23
6. RELATOS E PERCEPÇÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO	26
6.1. <i>Escuela Nº 74 General Fructuoso Rivera - Aceguá (URU)</i>	27
6.2. E.M.E.F. Nossa Senhora das Graças - Aceguá (BRA)	30
7. DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ENSINO DE GEOGRAFIA EM REGIÃO DE FRONTEIRA	34
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
10. APÊNDICE	40
APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO	
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	

1. INTRODUÇÃO

A integração entre o Brasil e seus países vizinhos se percebe com mais força nas zonas de fronteira, principalmente em cidades-gêmeas. Assim, surgem diversas possibilidades de união e mescla na economia e na cultura nessas regiões. A partir disso, notam-se também, desafios no que tange às potencialidades e limitações dessa integração.

Ao se pensar na formação cultural, na educação e na socialização dos jovens fronteiriços, deve se refletir sobre como esses processos ocorrem de forma diferenciada na zona de fronteira, comparado às zonas afastadas dos limites nacionais. Assim, se busca com esta pesquisa para o trabalho de conclusão do curso de Geografia, compreender tais processos e, em grande medida, identificar os desafios e possibilidades geradas pelos fenômenos específicos de regiões fronteiriças e cidades-gêmeas.

O objetivo geral é empreender uma investigação sobre quais são os desafios do ensino de Geografia em escolas de regiões fronteiriças, colocando em foco a fronteira entre os municípios de Aceguá no Brasil e Aceguá no Uruguai. Especificamente, se investiga as principais características da diversidade cultural da região, para assim observar como esses aspectos e temas socioculturais, pertinentes à Geografia, são abordados em sala de aula. Através disso, serão analisados quais são os desafios lá presentes, durante as observações em campo e entrevistas com os professores e funcionários das escolas e diálogo com os alunos.

Analisando o cotidiano escolar e a diversidade cultural presente na vida dos estudantes, pretende-se verificar como são abordadas nas escolas as manifestações culturais das duas nações e se é criada uma identidade fronteiriça específica da região. A preocupação principal é analisar se o ensino nesses locais abrange todas as perspectivas culturais que uma região fronteiriça proporciona, visto que a hipótese e motivação primária deste projeto se dá a partir da lacuna criada na não inclusão desses processos culturais, que são diferenciados na zona fronteiriça, dentro do ambiente escolar.

A nomenclatura a ser utilizada para a área de estudo deste trabalho é de "Ambas Aceguás" como se fez em Dorfman et al (2019), com a finalidade de compreender a região como um espaço com identidade e características próprias. As cidades a serem analisadas se localizam no sul do Brasil, no estado do Rio Grande

do Sul e no norte do Uruguai, no departamento de Cerro Largo, e são um dos exemplos de cidades-gêmeas. Estas duas cidades possuem um alto nível de integração entre elas, desde a parte econômica e social, como a parte de infraestrutura, com projetos financiados pelo bloco do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) que incentivam a integração regional entre seus países membros (CARNEIRO FILHO; LEMOS, 2014).

A elaboração da presente monografia se deu ao longo do segundo semestre de 2019 e incluiu, como se especifica na metodologia, o estudo de produções relacionadas com a temática da educação e de ensino em área fronteiriça, a execução de trabalho de campo na área de estudo e a organização dos dados obtidos para escrita do texto e postulação das considerações finais. Acredito ser importante marcar que além dos objetivos citados, referentes à investigação empreendida neste trabalho, busca se também organizar um material que retorne para o local sobre o qual escrevo, com reflexões sobre a área de estudo e algumas das especificidades da região, de forma que gere visibilidade a experiência e que sirva como fonte nas discussões futuras sobre Ambas Aceguás e interculturalidade na fronteira.

2. ORGANIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO TRABALHO

Durante a organização do projeto para este trabalho, foi estabelecido uma série de procedimentos metodológicos a serem seguidos para dar conta dos objetivos específicos da pesquisa. Se iniciou com uma revisão teórica dos principais conceitos discutidos (fronteira, ensino de Geografia, cidades gêmeas e interculturalidade) e, depois, partiu para uma análise específica de uma área fronteira, nas cidades-gêmeas de Aceguá (BRA) e Aceguá (URU).

As atividades foram baseadas em trabalhos de campo com observações e levantamento de dados *in loco* e de referencial teórico-bibliográfico. A perspectiva metodológica abordada é de análise qualitativa, a partir de um estudo de caso.

O estudo de produções já existentes e revisão bibliográfica se deu ao longo do segundo semestre de 2019 até a finalização da escrita desta monografia. A busca por essas produções se fez, primeiramente, no Unbral Fronteiras - Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Limites e Fronteiras, o que facilitou a procura por textos diretamente relacionados a temática fronteira. Também se fez a seleção de textos em outros repositórios de trabalhos acadêmicos, a fim de encontrar materiais úteis para a concepção dos objetivos principais e de uma metodologia de campo factível conforme os recursos e tempo destinado.

O trabalho de campo ocorreu nos dias 07 e 11 de novembro deste mesmo ano, em Ambas Aceguás. Foram escolhidas duas escolas, uma para cada município e, para operacionalizar essa etapa, foi adotado como base a metodologia utilizada no trabalho de Bertin (2014). Onde após requerer autorização para as instituições responsáveis dos municípios em foco, foram feitas observações em aula de Geografia nas duas escolas e diálogos com alunos e professores para uma breve análise da percepção dos alunos sobre o local onde habitam. Ressaltando a importância do trabalho de campo, principalmente em obras com temática geográfica, cita-se Pierre George:

A coleta de dados atrai o geógrafo para o campo – e para os quadros metodológicos das ciências de análise que dizem respeito ao meio natural e aos fatos humanos. Vê-se ela compelida a assumir as funções do geólogo, do petrógrafo, do pedólogo, botânico, do climatólogo, do hidrólogo, assim como as do demógrafo, do etnólogo, do sociólogo, do agrônomo, do economista, do urbanista... e isto, toda vez que aborda o todo geográfico (GEORGE, 1978, p. 9).

Foi planejado um trabalho de campo que conta com um roteiro de observações, diálogos e entrevistas a docentes para auxiliar na discussão sobre o ensino na região. Outras pessoas que vivenciam aquele lugar também foram ouvidas, para contribuir com as percepções sobre quais são os desafios e possíveis potencialidades para o ensino, principalmente de Geografia, nesta região fronteiriça.

As perguntas foram pensadas com o intuito de explorar os níveis de diversificação cultural da fronteira, ou seja, a multiculturalidade, de modo que mesmo os alunos com pouca instrução conseguissem exteriorizar suas compreensões e reflexões sobre a realidade. (BERTIN, 2014)

Foi possível contar com o auxílio de pesquisadores que já trabalharam a temática, que indicaram textos, contatos e locais de busca para a qualificação da pesquisa. Através dos dados obtidos em campo, como entrevistas, observações e fotos, em conjunto com a leitura do referencial teórico, foi possível formular as considerações sobre as formas de expressão e a presença da diversidade cultural nas escolas.

3. APRESENTANDO OS PRINCIPAIS CONCEITOS

Adotando a visão da fronteira como um espaço de encontros e não somente de separação por questões de soberania, é que se formam as primeiras hipóteses para este trabalho. Ferrari (2019, p.13) coloca que por mais que o limite nacional faça a divisão entre as entidades políticas, a zona de fronteira também é um espaço de interações e congruências. Outra concepção de fronteira que é relevante para esse trabalho e contexto é a de Pesavento (2006), que coloca a fronteira como:

margem em permanente contato, como passagem a proporcionar mescla, interpenetração, troca e diálogo, que se traduzem em produtos culturais. Assim as fronteiras remetem à vivência, às socialidades, às formas de pensar intercambiáveis, aos ethos, valores, significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos, comportamentos e ideias (PESAVENTO, 2006, p. 11)

Essas interações se dão em diversas dimensões, como na social, econômica, política, governamental, cultural etc. No caso da discussão aqui proposta, se faz a análise a partir das dimensões culturais e simbólicas da fronteira e no que tange ao âmbito educacional, principalmente no ensino de Geografia.

Partindo de premissas como a grande diversidade cultural presente nas fronteiras político-territoriais entre estados nacionais e de que as abordagens feitas no ensino de Geografia nas escolas devem ser abrangentes e inclusivas, percebe-se uma problemática pertinente ao se falar do ensino de Geografia em regiões fronteiriças: as escolas de fronteira e os professores têm a motivação, o preparo ou o incentivo necessário para incorporar essa pluralidade cultural nos currículos escolares e na sala de aula?

Para enxergar a fronteira como esse ambiente rico e chegar na hipótese primária desta pesquisa, há algumas características da fronteira e definições sobre sua complexidade e diversificação que, em grande medida, abriram o caminho sobre as possibilidades de análise. Raffestin, por exemplo, afirma que:

A fronteira e suas metamorfoses podem ser a consequência de modificações não visíveis no sistema de valores. Quando a delimitação não é mais possível no interior de um conjunto cultural, fica à disposição somente a malha dos territórios. Mas não foi o que prevaleceu, na maior parte dos casos do mundo (RAFFESTIN, 2005, p. 14 e 15).

Por mais que haja a separação internacional por uma linha socialmente construída, a interação cultural entre as duas nações ainda se faz presente, criando em muitos casos, inclusive, uma identidade fronteiriça específica do local que se forma. Dorfman (2008) associa essa identidade com a chamada “nacionalidade *doble-chapa*” e pode-se listar algumas práticas do cotidiano que remarcam essa identidade, como o bilinguismo ou a formação de uma comunicação própria dos que habitam a região: o portunhol.

Boaventura de Sousa Santos dialoga sobre as formas culturais específicas da zona fronteiriça e suas relações identitárias, pois nessas zonas há diversas "possibilidades de identificação e criação cultural". Sobre identidade e identificações, o autor ressalta:

além de plurais, são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções. Quem pergunta pela sua identidade questiona as referências hegemônicas, mas, ao fazê-lo, coloca-se na posição de outro e, simultaneamente, numa situação de carência e por isso de subordinação. (SANTOS, 1993, p. 31).

Posto que a identidade formada em zonas fronteiriças é distinta de outras, se faz necessário explorar suas características. Ao passo que duas nações, com suas respectivas tradições culturais e atributos nacionais, formam esse ponto de encontro, surge uma troca de ambos os lados, na medida em que as relações entre as nações acontecem. Nasce, assim, um espaço intercultural.

Falando sobre interculturalidade, Canclini (2004) a define como uma categoria que expressa as trocas entre os grupos sociais, etnias e nações a partir do fenômeno globalizatório. Trocas essas, sobretudo, culturais e simbólicas.

Entende-se, então, a criação de um ambiente intercultural em certas áreas fronteiriças que não materializam limites, mas sim regiões, em grande medida, abertas aos fluxos de ambos os lados. Nestas condições, a fronteira parece muito paradoxal, já que o seu reforço e mesmo seu desmantelamento é um provável reflexo de um outro sistema de limites em crise, não imediatamente visível. (NUNES, 2015, p. 4)

Para se compreender melhor a formação e as especificidades do ambiente intercultural é importante pensar naquelas chamadas de cidades-gêmeas. Como posto por Machado (2005):

Estes adensamentos populacionais, cortados pela linha de fronteira, seja esta seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infra-estrutura, apresentam grande potencial de integração econômica e cultural assim como manifestações localizadas dos problemas característicos da fronteira (MACHADO, 2005, p. 12).

Essa integração econômica e cultural frequentemente observada em cidades-gêmeas impulsiona as formações interculturais e a construção de espaços específicos da zona fronteira, onde se observam aspectos diferenciados de locais afastados da zona de fronteira. Aqui se define essa zona como o "espaço que emerge da demarcação político territorial entre dois Estados nacionais" e ressalta as dimensões sociais e culturais que surgem a partir da zona de fronteira (FERRARI, 2019).

Então, nessas zonas e, principalmente, em cidades-gêmeas brasileiras, existem as chamadas Escolas de Fronteira, cujo título se deu através de programas do Ministério da Educação (Escolas Bilíngues de Fronteira e Programa Escolas Interculturais de Fronteira). Com início em dezembro de 2010, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) possibilitou as primeiras discussões e planejamentos para o "Projeto Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira". Essas escolas são espaços interculturais, visto que recebem alunos de ambos lados da fronteira, e possuem um papel importante na integração regional. Ao se perceber isso, surgiram programas, como o Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF), cujo principal objetivo é "promover a integração regional por meio da educação intercultural e bilíngue" (BRASIL, 2013)

Assim, posto que as escolas localizadas nessas áreas de fronteiras contam com a presença de um ambiente culturalmente diverso e intercultural, é importante lembrar de que pensar interculturalmente é ir além da ideia da multiculturalidade e para isso, se faz necessário compreender o espaço da escola de fronteira. (Peixoto, 2009, p. 58)

Relacionando a discussão acima com a questão do ensino de Geografia e esclarecendo a problemática citada anteriormente, é importante ressaltar que tratar de educação em área fronteira:

exige problematizar diferentes elementos do modo como hoje, em geral, concebemos nossas práticas educativas e sociais. As relações entre direitos humanos, diferenças culturais e educação nos colocam no horizonte da afirmação da dignidade humana em um mundo que parece não ter mais esta

convicção como referência radical. Trata-se de afirmar uma perspectiva alternativa e contra hegemônica de construção social, política e educacional (CANDAU, 2005, p. 35).

Assim como no ensino de Geografia, onde problematizamos as informações do nosso cotidiano e propomos relações a partir delas para a construção do conhecimento geográfico, se faz necessário que haja uma problematização e adequação dos moldes educacionais que são aplicados dentro das escolas fronteiriças, devido a suas diferenças, especificidades e potencialidades.

No capítulo seguinte será discutido a relação entre o ensino de Geografia e a região de fronteira, principalmente em cidades-gêmeas.

4. SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA EM REGIÕES FRONTEIRIÇAS

Ao ler e tecer discussões sobre o ensino e educação em regiões fronteiriças, se percebem diversas dimensões socioculturais que não necessariamente se observam ao analisar uma sala de aula, por exemplo, em regiões centrais e afastadas das bordas internacionais. A região, em análise neste trabalho, não é apenas multicultural, mas sim intercultural, havendo trocas e influências recíprocas de um lado da fronteira sobre o outro.

Há uma necessidade de que as unidades federativas fronteiriças contemplem em seus currículos e projetos educacionais, os aspectos da interculturalidade presente nas comunidades fronteiriças. (ROSA; NUNES, 2015). Isso se discute, pois ainda há uma negligência por parte do Estado de implementar ou de enfatizar os elementos interculturais desses ambientes. Candau e Moreira (2008, p. 13) colocam que “não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa”.

A partir de outras produções e, até mesmo, de um trabalho de campo que participei no ano de 2018, se observa que o pêndulo migratório é intenso nesses espaços fronteiriços. Por exemplo, na região de Ambas Aceguás, há estudantes do ensino básico e superior que se deslocam diariamente para ir à escola, e esse fluxo ocorre tanto do lado uruguaio para o brasileiro, como ao contrário.

Construindo a discussão no ensino de Geografia, outros aspectos devem ser ressaltados e analisados, devido a relação da Geografia da sala de aula com o cotidiano dos estudantes. Castrogiovanni e Costella (2016, p.17) identificam a importância de ao ensinar Geografia, se pensar em primeiro plano as vivências dos alunos e do local que eles habitam, para que as relações propostas na sala de aula tenham sentido para o aluno e, assim, torne a construção do conhecimento efetiva.

O conhecimento, esse, só é formado a partir da interação entre a dúvida e a problematização da informação. (CASTROGIOVANNI; COSTELLA, 2016). Então, em áreas de fronteira integradas e interculturais, é preciso que as temáticas fronteiriças sejam desconstruídas e reconstruídas na sala de aula. Em regiões onde a integração e os fluxos fronteiriços são intensos, como se observa em diversas áreas entre o Brasil e Uruguai, isso deve ser trazido para o ambiente escolar e relacionado com os conteúdos propostos pelos currículos escolares.

Paulo Alves da Silva discute a ideia de um currículo escolar intercultural para o contexto fronteiriço, integrando as especificidades da área de fronteira e o "entrelaçar as políticas, das culturas, das línguas e seus contextos". Mais do que integrar, se faz necessário transdisciplinarizar, ou seja, "imbricar, invisibilizar os limites, mas sabendo o que cabe a cada parte". (SILVA, 2016, p. 146)

É importante comentar sobre o Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF), ao falar sobre ensino e educação em regiões de fronteira. Criado em 2005, o programa busca trabalhar com as Escolas Interculturais de Fronteira e suas (con)vivências que definem as dinâmicas da vida fronteiriça, assim ampliando as relações entre as escolas de ensino básico de educação primária que se situam em zonas de fronteira entre Brasil e Uruguai (STURZA, 2014).

Atualmente, devido a cortes nos recursos destinados a esse programa, o PEIF não está em atividade. Isso remete à negligência por parte do Estado, comentada anteriormente neste capítulo, ao identificar aspectos essenciais das escolas de fronteira e suas potencialidades e, mesmo assim, não priorizá-las.

Programas como esses são necessários, pois os recursos como a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), o Plano Nacional de Educação (PNE) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no nosso país não levam em conta o espaço fronteiriço brasileiro e suas especificidades. (ROSA; NUNES, 2015).

4.1. Aspectos específicos do ensino em regiões fronteiriças

Alguns aspectos precisam ser analisados ao se discutir o ensino de Geografia em áreas de fronteira. Por exemplo nas escolas de fronteira, boa parte das turmas e das salas de aula contam com a presença de alunos de ambos lados da fronteira, ou seja, de nacionalidades diferentes. De que forma a escola ou o currículo da escola se prepara para isso?

Em escolas brasileiras, há alunos que nasceram em países vizinhos, cuja primeira língua é o espanhol e, mesmo estudando do lado brasileiro, moram em seus respectivos países. Essas escolas de fronteira são caracterizadas como interculturais, mas o ensino realizado e as abordagens em sala de aula são materializados de forma intercultural?

Essas são algumas das indagações que motivaram essa pesquisa: o interesse em saber como esses processos se dão nas escolas de fronteira e se há

preocupação em relação a isso nesses espaços. Ao refletir sobre esse tema e as aulas de Geografia, logo se questionou como são as abordagens feitas pelos professores e que influências isso pode gerar na formação cultural e identitária dos alunos brasileiros e uruguaios que migram, mas não se consideram migrantes nem estrangeiros, diariamente para acessarem o ensino básico brasileiro.

Os motivos por cruzarem a fronteira para ir à escola diariamente são diversos, e veremos alguns deles nos relatos coletados no trabalho de campo em Ambas Aceguás. Contudo, ainda restam indagações sobre como as escolas e os/as professores/as de Geografia levam a interculturalidade para dentro da sala de aula.

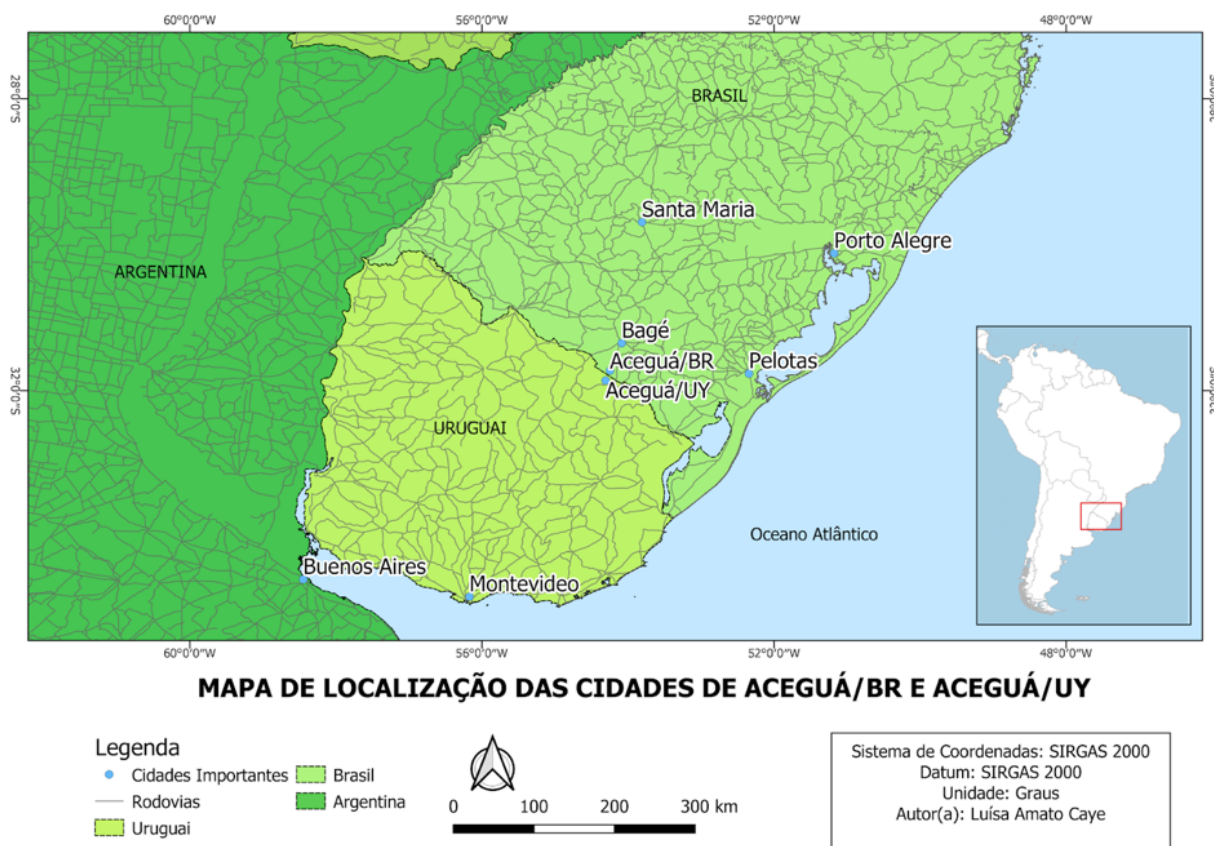
É instigante tentar imaginar como uma pessoa de tal nacionalidade, seja ela uruguaia, brasileira ou qualquer outra, e que ainda habita seu país de origem, tem toda sua educação básica voltada a outro país, visto o aspecto nacionalizante da educação e do ensino de Geografia. Por exemplo, nas aulas de Geografia, ao estudar as paisagens, recursos naturais e físicos, as manifestações socioculturais etc., essa pessoa aprofunda uma visão que não condiz com a forma que seria estudada no seu país de origem.

No próximo capítulo se faz uma descrição sobre as vivências interculturais em Ambas Aceguás, assim como uma caracterização da paisagem transfronteiriça do local (Dorfman et al, 2019). Depois começam as discussões sobre o caso específico das escolas de fronteira em Aceguá (BRA) e Aceguá (URU).

5. VIVÊNCIAS INTERCULTURAIS EM AMBAS ACEGUÁS

As cidades-gêmeas de Aceguá (BRA) e Aceguá (URU), referidas neste trabalho como Ambas Aceguás, formam um espaço intercultural de intensos fluxos na fronteira sul do Brasil. Na figura 1 pode-se observar a localização geográfica das cidades:

Figura 1 - Mapa de localização das cidades de Aceguá (BRA) e Aceguá (URU)



Fonte: Cartografia de Luísa Amato Caye (2019).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Aceguá (BRA) possui uma população estimada de 4.901 pessoas em 2019 e está localizada na unidade federativa do Rio Grande do Sul. Já Aceguá (URU), conforme o relatório do *Observatorio Territorio Uruguay*, conta com uma população de cerca de 1.680 habitantes e está situada dentro do departamento (conforme a regionalização do Uruguai) de Cerro Largo.

A partir de um trabalho de campo realizado na região de Ambas Aceguás no ano de 2018, foram observados diversos aspectos da paisagem e das (con)vivências

lá presentes. Primeiramente, se nota a predominância de área residencial dividida por uma estrada de terra que delimita também o território do Estado brasileiro e uruguaio. Se mostra uma fronteira com fluxo livre entre ambos os lados, onde a população ocupa ambos espaços e não há uma estrutura que impeça a passagem, como por exemplo, um muro ou uma grade. Ao adentrar alguns metros para o interior de ambas as cidades, já é possível visualizar uma paisagem onde predomina o espaço rural, com grandes coberturas vegetais.

Sobre as atividades e interações entre as cidades, é perceptível a presença de turistas brasileiros que vão aos *free shops* no lado uruguaio (onde os uruguaios não poderiam realizar compras) pelos preços mais baratos (figura 2). Indivíduos de ambas as cidades atravessam a fronteira para comprar produtos que estejam mais baratos nas respectivas cidades opostas devido a flutuação das moedas locais. Parte da população também faz esse deslocamento por motivos como ir à escola no país vizinho ou ir em algum hospital brasileiro para fazer uso do Sistema Único de Saúde (SUS).

Figura 2 - Vista do marco fronteiro e do *free shop* localizado no lado uruguaio da fronteira.



Fonte: Foto de Edgar Velozo (2018)

No que tange às vivências e dinâmicas desta área, se percebe uma consolidada integração cultural e econômica, visto que desde a infância as crianças já são educadas de forma intercultural em um espaço diferenciado. Jovens e adultos realizam o mesmo trajeto diário por motivos de estudo, trabalho e necessidades básicas. Essas (con)vivências fortalecem os laços entre os cidadãos de ambas as cidades vizinhas.

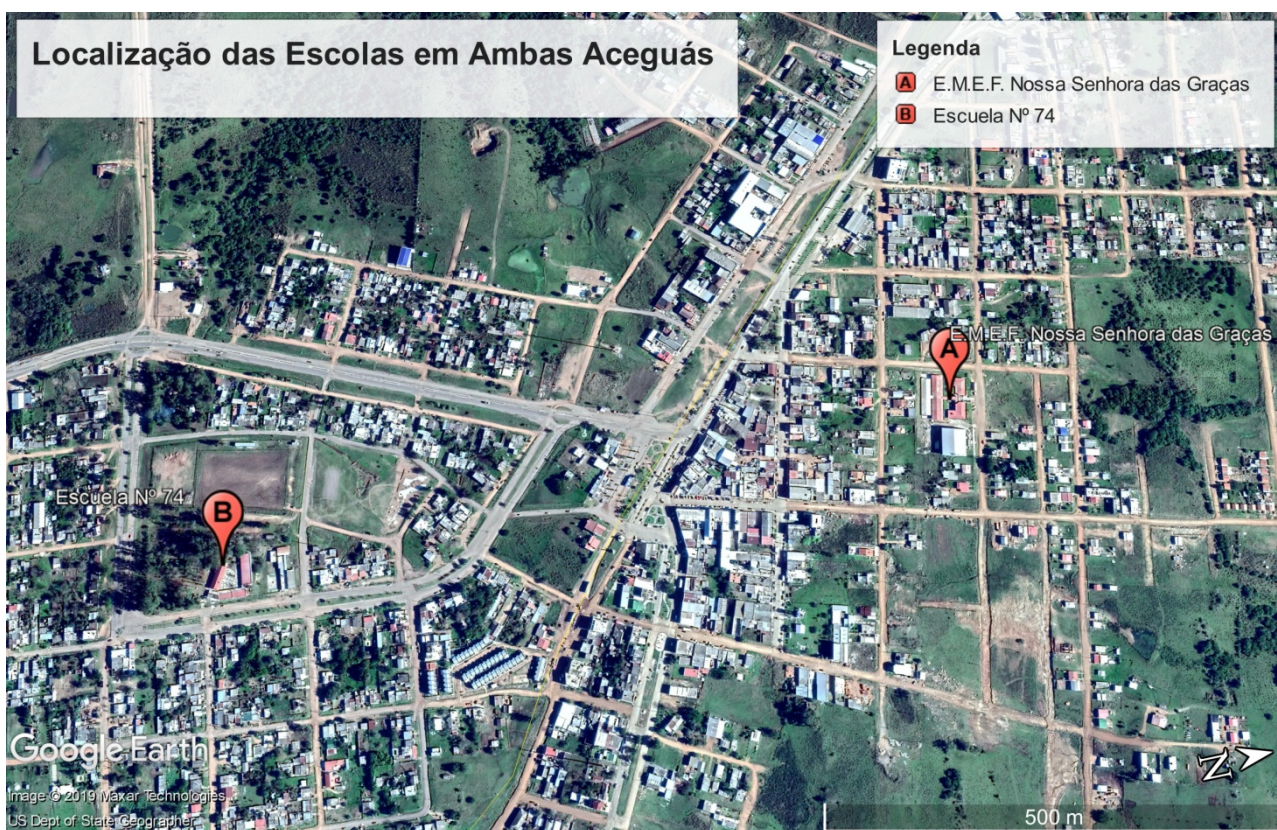
A partir destes apontamentos e observações feitos sobre as cidades-gêmeas aqui analisadas, se verifica a existência de uma identidade fronteiriça em Ambas Aceguás. Essa identidade se constrói através dos fluxos e diálogos de ambos lados da fronteira, que formam um espaço integrado que ultrapassa barreiras. Sejam as barreiras estatais ou políticas que delimitam os territórios, ou as barreiras linguísticas, devido ao fato de que mesmo com o português sendo falado no lado brasileiro e o espanhol no lado uruguaio, o diálogo e as trocas permanecem.

6. RELATOS E PERCEPÇÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO

As escolas escolhidas para as atividades do trabalho de campo, foram participantes do PEIF, citado anteriormente. As atividades de campo nas escolas se realizaram a partir de conversas com os docentes, funcionários e estudantes da escola, assim como observações de aulas de Geografia.

A figura 3 mostra a localização das escolas selecionadas para a visita durante o trabalho de campo. A escola representada na imagem pela letra "A" se localiza no lado brasileiro e "B" no lado uruguaio. Ambas se localizam a mais ou menos 10 minutos a pé do marco fronteiro de Ambas Aceguás e são de fácil e livre acesso para os estudantes e moradores das cidades.

Figura 3 - Mapa de localização das escolas visitadas durante o trabalho de campo.



Fonte: Elaborado no software Google Earth Pro por Débora Pizzio (2019).

As entrevistas foram realizadas durante as observações e atividades dentro das duas escolas visitadas, a partir de um roteiro construído para balizar o diálogo, organizar os objetivos e delimitar as perguntas, cujas respostas são pertinentes ao desenvolvimento da pesquisa. As conversas propostas no decorrer do campo

buscam responder os seguintes questionamentos, para ambos os lados da fronteira e ambas escolas:

- Como a escola se prepara para acolher os alunos de diferentes nacionalidades?
- As manifestações culturais provenientes de Ambas Aceguás são abordadas em aula?
- A escola segue os currículos e parâmetros nacionais de educação ou há alguma adaptação por se tratar de uma região diferenciado do resto do países?
- Como o PEIF contribuiu para a integração regional em Ambas Aceguás?
- Como tem sido a produção de atividades interculturais desde o corte do Programa?
- Em relação ao idioma, qual delas predomina mais nesse local? (Espanhol, Português ou o *Portuñol*).

A partir dessas perguntas pré-estabelecidas que o diálogo se construiu e mais dúvidas foram solucionadas. Os entrevistados contribuíram para uma percepção ampla das escolas e da região de análise, demonstrando naturalidade ao reconhecer os aspectos do espaço fronteiriço e de sua riqueza cultural.

6.1. *Escuela N° 74 General Fructuoso Rivera - Aceguá (URU)*

As observações foram iniciadas no dia sete (07) de novembro no lado uruguaio da fronteira, na Escola N° 74 "General Fructuoso Rivera" (figura 4). Fundada em 1927, é uma escola de ensino fundamental, dentro do sistema educacional do Uruguai. A escola tem cerca de 150 alunos, desde a pré-escola até o 6° ano, o último do ensino primário uruguaio. Nessa escola, foi possível o diálogo com os professores, funcionários e alunos e a observação de uma aula de Geografia para a turma do quarto (4° ano).

Figura 4 - Fachada da Escola N° 74 em Aceguá (URU).



Fonte: Foto de Edgar Velozo (2019)

Como se vê na figura 5, os alunos e professores, de todos os níveis, tomam café da manhã juntos diariamente na cozinha da escola. Já foi notado a predominância da língua espanhola, contudo alguns professores e até mesmo as crianças, perguntaram se a preferência era por falar em português ou espanhol. Os professores que se deslocam diariamente da cidade de Melo (URU), que se localiza a 60 quilômetros de Aceguá, não tem o hábito de falar português, logo preferiram que a comunicação fosse apenas em espanhol.

Figura 5 - Café da manhã na Escola N° 74 em Aceguá (URU).



Fonte: Foto de Edgar Velozo (2019).

Ao se observar a aula de Geografia nessa escola, destacam-se as noções de localização, orientação e lateralidade dos alunos do 4º ano do ensino primário uruguaio, que aparentam já ter sido desenvolvidas desde cedo. Quando a professora fez perguntas em relação a localização geográfica do Uruguai e de algumas cidades do país, os alunos prontamente conseguiam responder e possuíam habilidades de orientação, manuseio de mapas e outros recursos da sala de aula, para buscarem as respostas.

Os alunos tinham em média entre 9 e 10 anos e dentre eles, alguns moram do lado brasileiro e a maioria no lado uruguaio. Todos falam espanhol fluentemente e a grande maioria entende o português, com boa parte também falando a língua sem nenhum problema. As crianças aparentam ser acolhidas e incluídas no ambiente escolar, em razão da interculturalidade e da naturalização desta região fronteiriça, que cria um espaço híbrido e de reciprocidade.

Outro ponto a ser comentado depois de conversar com a professora dessa turma, é que a escola segue a base e os planos nacionais de ensino do uruguaio, o que faz com que todos os assuntos trabalhados sejam discutidos a partir de um olhar geográfico do Uruguai. Mesmo que se trabalhe a Geografia de outros locais e escalas ao longo dos anos escolares, tudo parte do Uruguai como referencial e ponto de origem.

Também se pôde observar durante esta manhã que as aulas de Geografia trabalham com análises amplas, envolvendo os aspectos sociais e naturais em conjunto para entender as relações e processos do espaço geográfico. Ou seja, não há uma separação em Geografia Humana e Geografia Física, como ocorre em algumas escolas brasileiras.

Para se comentar um pouco mais da estrutura da escola e da sala de aula, nota-se a disposição das mesas (figura 6) de modo que permite uma maior interação entre os colegas e a professora, que se desloca pela sala enquanto faz a exposição dialogada. Todos os alunos da escola ganham do governo uruguaio um *tablet* ou um computador portátil para realizarem as atividades propostas em aula, isso faz parte de um projeto educacional do país. Os estudantes utilizam esses recursos para realizarem pesquisas durante a aula ou apresentação sobre algum tema relevante a discussão da aula, sempre com a instrução da professora que conduz a aula e estabelece os momentos para utilização desses equipamentos.

Figura 6 - Sala de aula do 4º ano na Escola Nº 74 em Aceguá (URU).



Fonte: Foto de Edgar Velozo (2019).

6.2. E.M.E.F. Nossa Senhora das Graças - Aceguá (BRA)

As atividades de campo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora das Graças no lado brasileiro da fronteira ocorreram no dia onze (11) de novembro. Esta escola (figura 7) foi fundada em 2007 e foi criada para atender a demanda com o aumento do número de alunos da região, atende em turno integral e recebe alunos brasileiros e uruguaios.

Figura 7 - Vista de um dos corredores da E.M.E.F Nossa Senhora das Graças em Aceguá (BRA).



Foto de Edgar Velozo (2019).

Antes de observar a aula de Geografia na turma do 8º ano, pude conversar com a diretora da escola, que me recebeu e me autorizou a realizar as observações na escola. A diretora Marisa Lopes Oliveira relatou sobre suas vivências e experiências interculturais.

Como habitante de Aceguá desde pequena, ela acompanha a integração entre as duas cidades e povos, de diferentes nacionalidades, o que acaba construindo essa cultura fronteiriça com a qual ela se identifica. Ela informa que é casada com um uruguaio e isso é muito comum na região, os "casamentos internacionais" ocorrem com frequência e fazem parte do cotidiano da população fronteiriça de Aceguá.

São vários aspectos que identificam essas vivências interculturais: na política, com os cidadãos *dobles chapas* (possuem tanto documentação brasileira como uruguaia e, assim, votam nas eleições dos dois países), no futebol, visto que é comum as crianças terem um time para torcer no Uruguai e outro no Brasil, nas festas nacionais e, principalmente, na questão linguística, pelo fato de que a grande maioria da população fala, ou pelo menos compreende, a língua espanhola e a portuguesa tranquilamente, formando também o dialeto do portunhol.

Ao perguntar sobre a atuação do PEIF na escola, foi comentado que houveram diversas atividades e práticas promovidas pelos participantes do programa durante seu funcionamento e que foram enriquecedoras e proveitosas tanto para os professores, quanto para os alunos, que puderam estudar a partir de suas vivências.

Também pude conversar com a professora de Geografia da escola, que ao contrário da diretora, chegou há pouco na cidade e, como eu, não estava habituada a essa convivência intercultural construída nas áreas de fronteira. Ela comenta que observa a presença de alunos uruguaios na sala de aula pelo sotaque "carregado", contudo não vê divergências ou disputas na sala de aula no que se refere às suas nacionalidades, visto que todos são dali, da região de Ambas Aceguás.

No que se refere às aulas de Geografia, percebe-se que a escola segue a BNCC em seus planos de ensino e não se diferenciam muito de aulas em escolas, por exemplo, de Porto Alegre, onde as vivências interculturais não são tão presentes como na fronteira. Há grande presença de alunos uruguaios na escola, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental e o motivo disso, relatado pela diretora e demais funcionários da escola, é porque as escolas uruguaias possuem turno integral desde os primeiros anos e os pais preferem que seus filhos fiquem apenas um turno na escola.

Outro motivo para os alunos de Aceguá (URU) virem estudar no lado brasileiro é a ausência de Universidades no departamento de Cerro Largo no Uruguai. Foi comentado que na cidade Melo (URU) há alguns cursos de licenciatura à distância, mas para outros cursos de graduação, os uruguaios têm que ir à Montevideo (600 km distância) para estudar, logo, preferem se deslocar até Bagé (60 km de distância) e acessar o ensino superior brasileiro.

Ao perguntar se há alguma preocupação ou incentivo para trazer abordagens interculturais na aula de Geografia ou em atividades escolares, foi relatado que isso ocorre às vezes nas aulas de espanhol e, quando haviam políticas como o PEIF, essas atividades de integração ocorriam mais frequentemente. Entretanto, não se tem uma abordagem dessas temáticas nas aulas de Geografia, até porque isso não é previsto nas bases curriculares.

Outro ponto importante a ressaltar é que grande parte da população que vive (n)esse espaço e interage com a interculturalidade ali presente, não o percebe como algo distinto ou relevante. Depois de explicar minhas motivações de pesquisar aquela área e o interesse por compreender os processos que constituem essa comunidade fronteiriça, os entrevistados comentaram que por ser algo com o qual já estão acostumados desde sua criação, raramente percebem as potencialidades daquele ambiente. No próximo capítulo, serão analisadas essas observações feitas

em campo e relacionadas com os aspectos socioculturais da zona fronteiriça, para assim ser feita a identificação dos desafios presentes na região.

7. DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ENSINO DE GEOGRAFIA EM REGIÃO DE FRONTEIRA

Após as discussões teóricas entre os conceitos trabalhados neste texto, a realização do trabalho de campo e organização os dados obtidos *in locu*, agora se faz necessário verificar e identificar quais são os desafios do ensino de Geografia em regiões de fronteira, especificamente na região de Ambas Aceguás. Vale marcar aqui que esses desafios não são necessariamente problemas presentes na área de estudo ou nas práticas observadas, mas também, potencialidades e aspectos que podem ser desenvolvidos ou incentivados por políticas públicas.

Primeiro desafio e também uma das primeiras indagações que fizeram com que eu chegasse nesse tema e pergunta de pesquisa, era descobrir se os alunos de diferentes nacionalidades eram incluídos tanto no ambiente escolar, quanto nas premissas curriculares. O que acontece é que em Ambas Aceguás a integração já é consolidada e os alunos de nacionalidades diferentes não são vistos como estrangeiros, mas sim vizinhos, colegas como quaisquer outros.

Entretanto, dentro da sala de aula e, especialmente, nas aulas de Geografia não há abordagem direta para a diversidade cultural, ou seja, as escolas seguem os respectivos planos de ensino nacionais, que por si só não integram ou incluem a riqueza cultural de áreas fronteiriças. Apesar dessa certa negligência dos planos de ensino e currículos nacionais com as áreas fronteiriças e escolas interculturais de fronteira, as vivências interculturais entre os estudantes também formam um espaço de ensino e aprendizado não-formal pertinente a suas respectivas formações.

Outro ponto relevante é a falta de recursos e políticas públicas para a organização de programas que promovam a integração das escolas de fronteira e a interculturalidade. O desenvolvimento de atividades como as do PEIF são essenciais para o incentivo à integração entre cidades fronteiriças, que podem acabar por desenvolver projetos em outros âmbitos, como planos econômicos e políticos nesses locais.

Essas políticas de promoção da interculturalidade, especificamente em escolas, podem oferecer cursos de formação aos professores que vêm de áreas distintas das regiões fronteiriças, e necessitam compreender o funcionamento dessa convivência e potencialidades que surgem a partir dela. Também, para saberem

como lidar com os estudantes de diferentes nacionalidades de forma inclusiva e aproveitaram de um espaço diverso e rico para qualificarem suas aulas.

O ensino de Geografia parte do estudo e problematização de informações do nosso cotidiano, para se construir o conhecimento sobre o espaço geográfico, a partir das relações e processos que nele se fazem. Sendo assim, é necessário que os professores de escolas de fronteira tenham formação própria para trabalhar nestes espaços.

É importante lembrar que meu papel neste trabalho não é fazer uma avaliação do ensino de Geografia nas Ambas Aceguás, mas analisar como ela é proposta e como interage ou se relaciona com as temáticas socioculturais visando a aproximação com a identidade fronteiriça dos estudantes. Os desafios aqui apresentados são, na verdade, possibilidades para o desenvolvimento de alguns aspectos das escolas de fronteira, que ao promoverem a interculturalidade aos alunos, cultivam a pluralidade cultural e os vínculos simbólicos da região.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, pôde-se compreender e problematizar variados conceitos trabalhados ao longo do curso de Geografia e na construção deste projeto. Desde as primeiras concepções sobre fronteiras até discussões sobre a epistemologia da ciência geográfica e de seu ensino nas aulas de estágio. Todos esses momentos contribuíram para a escrita e formulação das hipóteses aqui investigadas.

A análise feita em Ambas Aceguás, relativa ao ensino de Geografia e suas potencialidades interculturais, buscou investigar e identificar os desafios e possibilidades do e no ensino de Geografia em áreas de fronteira. Os resultados e respostas aos objetivos, obtidos através dos procedimentos metodológicos, oferecem subsídios, mesmo que iniciais, a discussões sobre a insuficiência de políticas públicas e investimento para programas que promovam integração a partir da interculturalidade presente em regiões fronteiriças.

As discussões e atividades aqui apresentadas foram feitas ao longo do segundo semestre de 2019, com auxílio da professora orientadora e recursos disponibilizados pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mesmo com a disponibilidade dos funcionários e professores das escolas e apoio com a organização do trabalho de campo empreendido, acredito que seria interessante poder passar mais tempo em Ambas Aceguás e presenciar efetivamente as vivências interculturais, conversar mais com a população fronteiriça e ampliar o aprendizado sobre o espaço fronteiriço *in locu*.

Estar nas salas de aula e dialogar diretamente com os docentes e discentes, aprender a partir de seus apontamentos e compreender as dinâmicas da zona fronteiriça através de seus relatos foi engrandecedor e me incentiva a seguir acompanhando o desenvolvimento das investigações e discussões relacionados à educação áreas fronteiriças. O auxílio dos funcionários e professores das escolas para a organização e realização do trabalho de campo foram essenciais, por isso acredito que esse trabalho destina-se também a eles que tanto contribuíram com o debate.

A conclusão principal deste trabalho é de que as experiências interculturais em Ambas Aceguás se mantêm presentes e intensas, mas essa interculturalidade não é necessariamente utilizada dentro da sala de aula ou do ambiente escolar, pelo menos no que envolve a Geografia. Em relação as vivências da região, se percebe

que os estudantes que moram de um lado da fronteira e estudam no outro, não se sentem como migrantes, eles enxergam o processo de migração como algo mais complexo, que leve mais tempo e esforço, e isso representa a forte integração regional presente na área.

Sobre os caminhos futuros desta pesquisa, acredito que se poderia abordar os fluxos diários dos estudantes de ambos os lados da fronteira, com reflexões dos próprios alunos sobre suas motivações e expectativas nesse trânsito pendular entre as duas cidades. Uma associação entre essas percepções dos jovens fronteiriços e uma análise dos processos e políticas de transfronteirização na região, também seriam bem vindos para qualificar e desenvolver a discussão.

Como combinado com os entrevistados nesta pesquisa, essa produção será enviada a eles para que retorne ao lugar que surgiu e, assim, contribua com o debate, introduza novas percepções e se tenha mais uma fonte sobre a temática no acervo das escolas.

Lembro, por último, que a fronteira entre as cidades de Aceguá (BRA) e Aceguá (URU) é um dos vários exemplos de que fronteiras não se tratam apenas de pontos de separação, conflito e divisão. Elas abrangem encontros e construções coletivas, integrações e interações muito ricas e culturalmente diversas, que devem ser lembradas e evidenciadas. Assim, se faz necessário a constante análise e investigação dessas regiões, para que se amplie o conhecimento referente a esses espaços, dando visibilidade a essas experiências e vivências interculturais.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTIN, Marta. O ensino de geografia na tríplice fronteira e o turismo como possibilidade de reflexão das representações sociais e espaciais. 2014. 209 p. Dissertação (Doutorado em Geografia) - UFRGS, Porto Alegre, RS, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação Geral de Ensino Fundamental. Programa Escolas Interculturais de Fronteira. Brasília: Ministério da Educação, 2013.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, Desiguales y Desconectados: Mapas de la interculturalidad**. Barcelona: Gedisa, S.a., 2004.

CANDAU, Vera Maria. Didática e multiculturalismo: uma aproximação. In: LISITA, V. M. & SOUSA, L. F. (orgs.), Políticas educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar. XI Endipe. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CANDAU, Vera Maria. Diferença(s) e Educação: aproximações a partir da perspectiva intercultural. Revista Educação On Line, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 1-42, 2005.

CARNEIRO FILHO, Camilo Pereira; LEMOS, Bruno de Oliveira. Brasil e Mercosul: Iniciativas de Cooperação Fronteiriça. **Acta Geográfica**, Boa Vista, p.203-219, 2014.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; COSTELLA, Roselane Zordan. **Brincar e Cartografar com os Diferentes Mundos Geográficos: A Alfabetização Espacial**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016.

DORFMAN, Adriana. Nacionalidade doble-chapa: novas identidades na fronteira Brasil - Uruguai. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz et al (Org.). **A Emergência da Multiterritorialidade**. Porto Alegre: Editora da Ulbra e Ufrgs, 2008. p. 257-270

DORFMAN, Adriana; VELOZO, Edgar; CAYE, Luísa. Paisagem Socioespacial Transfronteiriça: Uma proposta de ensino e pesquisa sobre fronteiras. In: Vii Seminário De Estudos Fronteiriços, 2019, Corumbá. Corumbá: Ufms, 2019.

DORNELLES, Clara et al (Org.). **Interculturalidade nas Fronteiras: Espaços de (Con)Vivências**. Bagé e Jaguarão: 2015. 181 p.

ESCOLAS DE FRONTEIRA. Programa Escolas Bilíngues de Fronteira – PEBF. Brasília; Buenos Aires: Ministério da Educação; Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología, 2008.

FERRARI, Maristela. Como Pensar a Identidade Nacional em Zonas de Fronteira? Uma análise a partir de dois conjuntos de cidades gêmeas brasileiro-argentinas. **Boletim Goiano de Geografia**, [s.l.], v. 39, p.1-18, 29 jul. 2019. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/bgg.v39i0.55900>.

GEORGE, Pierre. Os métodos da Geografia. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1978.

IBGE. **Aceguá - Cidades IBGE**. Disponível em:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/acegua/panorama>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

MACHADO, L. O., “Estado, territorialidade, redes. Cidades-gêmeas na zona de fronteira sul-americana,” In: Silveira M. L., organizador. *Continente em chamas. Globalização e território na América Latina*, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira; 2005. p. 243-84.

ROSA, Márcio Marques; NUNES, Flaviana Gasparotti. Características e Desafios do Ensino de Geografia Geografia em Área de Fronteira: Considerações a partir do município de Coronel Sapucaia (MS). **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, RS, p. 530-553, maio. 2015.

MOREIRA, Antônio Flavio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis RJ: Vozes, 2008.

URUGUAY, Observatorio Territorio. **Perfil Municipal de Aceguá**. Disponível em:
<<https://otu.opp.gub.uy/perfiles/cerro-largo/acegua>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

PEIXOTO, P. T. C. Multiculturalismo, transculturalismo e heterogênesse urbana: composições da diversidade para a produção do transconhecimento. **Revista Visões**, n. 7, p. 2, jul. 2009/dez 2009. Disponível em:
<<http://www.fsma.edu.br/visoes/principal.html>>. Acesso em 30 out. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras culturais em um mundo planetário - paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s). **Revista del Cesla**, Warszawa, v. 8, p.9-19, 16 jan. 2008.

RAFFESTIN, Claude. A Ordem e a Desordem ou os Paradoxos da Fronteira. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Organizador. *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005, p. 9-15.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social*; **Rev. Sociol.** USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

SILVA, Paulo Alves da. Premissas para um Currículo Escolar Intercultural no Contexto Das Fronteiras. **Revista Geopantanal**, Corumbá, v. 11, n. 21, p.141-150, nov. 2016.

STURZA, E. R. Das experiências e dos aprendizados no Programa Escolas Interculturais de Fronteiras. **Salto para o Futuro**, v. 1, p. 23-29, 2014.

10. APÊNDICES

APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO ENTREGUE ÀS ESCOLAS VISITADAS



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Porto Alegre, 05 de novembro de 2019.

Estimado(a) Diretor(a),

Apresento o estudante **Edgar Garcia Velozo** nº da matrícula **00264855**, regularmente matriculada no **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**, da Licenciatura em Geografia, e solicito permissão para que realize as atividades de observação, análise de currículo, entrevista aos docentes nesta instituição de ensino, Escuela N°74 Brigadier General Fructuoso Rivera, visto que tais atividades estão previstas no projeto de trabalho.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'mAd', is positioned above a horizontal line.

Adriana Dorfman

Nome e Assinatura do Professor(a) Orientador(a)

Adriana Dorfman
COMGRAD / GEA-IGEO / UFRGS
Coordenadora



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Porto Alegre, 05 de novembro de 2019.

Estimado(a) Diretor(a),

Apresento o estudante **Edgar Garcia Veloza** nº da matrícula **00264855**, regularmente matriculada no **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**, da Licenciatura em Geografia, e solicito permissão para que realize as atividades de observação, análise de currículo, entrevista aos docentes nesta instituição de ensino, E.M.E.F Nossa Senhora das Graças, visto que tais atividades estão previstas no projeto de trabalho.

Atenciosamente,

Adriana Dorfman

Nome e Assinatura do Professor(a) Orientador(a)

Adriana Dorfman
CONGRAD / GEA-IGEO / UFRGS
Coordenadora

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADO PELOS ENTREVISTADOS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Meu nome é **Edgar** Garcia Velozo. Sou estudante do curso de Graduação em **Geografia** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sou orientado pela profa. dra. Adriana Dorfman.

Realizo uma **pesquisa** para conhecer os desafios do ensino de Geografia em ambientes fronteiriços, especificamente no caso da fronteira de Aceguá (BRA) – Aceguá (URU).

Sua participação envolve uma **entrevista**. A mesma será **gravada**, se assim o(a) sr(a). permitir. A participação nesse estudo é voluntária e se o(a) sr(a). decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente o(a) sr(a). estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, Edgar Garcia Velozo, no telefone (51)997020418 e pela profa. Adriana Dorfman, através do (51)33086334.

Atenciosamente



Edgar Garcia Velozo
Estudante



Adriana Dorfman
Professora orientadora


Adriana Dorfman
COMGRAD / GEAGEO / UFRGS
Coordenadora

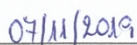
→ **Consinto** em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento. () Sim () Não

→ Autorizo a **gravação** da entrevista concedida. () Sim () Não

→ Desejo que as opiniões emitidas não sejam relacionadas ao meu **nome**, preservando minha identidade. () Sim () Não



Participante



Local e data



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Meu nome é **Edgar Garcia Velozo**. Sou estudante do curso de Graduação em **Geografia** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sou orientado pela profa. dra. Adriana Dorfman.

Realizo uma **pesquisa** para conhecer os desafios do ensino de Geografia em ambientes fronteiriços, especificamente no caso da fronteira de Aceguá (BRA) – Aceguá (URU).

Sua participação envolve uma **entrevista**. A mesma será **gravada**, se assim o(a) sr(a). permitir. A participação nesse estudo é voluntária e se o(a) sr(a). decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente o(a) sr(a). estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, Edgar Garcia Velozo, no telefone (51)997020418 e pela profa. Adriana Dorfman, através do (51)33086334.

Atenciosamente



Edgar Garcia Velozo
Estudante



Adriana Dorfman
Professora orientadora
COMGRAD / GEA-GEO / UFRGS
Coordenadora

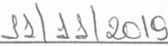
→ **Consinto** em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento. (X) Sim () Não

→ Autorizo a **gravação** da entrevista concedida. (X) Sim () Não

→ Desejo que as opiniões emitidas não sejam relacionadas ao meu **nome**, preservando minha identidade. (X) Sim () Não



Participante



Local e data



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Meu nome é **Edgar** Garcia Velozo. Sou estudante do curso de Graduação em **Geografia** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sou orientado pela profa. dra. Adriana Dorfman.

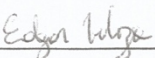
Realizo uma **pesquisa** para conhecer os desafios do ensino de Geografia em ambientes fronteiriços, especificamente no caso da fronteira de Aceguá (BRA) – Aceguá (URU).

Sua participação envolve uma **entrevista**. A mesma será **gravada**, se assim o(a) sr(a). permitir. A participação nesse estudo é voluntária e se o(a) sr(a). decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.


Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente o(a) sr(a). estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, Edgar Garcia Velozo, no telefone (51)997020418 e pela profa. Adriana Dorfman, através do (51)33086334.

Atenciosamente



Edgar Garcia Velozo
Estudante

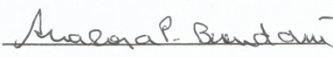


Adriana Dorfman
Professora orientadora
COMGRAD / GEA+GEO / UFRGS
Coordenadora

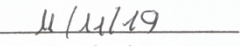
→ **Consinto** em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento. Sim () Não

→ Autorizo a **gravação** da entrevista concedida. Sim () Não

→ Desejo que as opiniões emitidas não sejam relacionadas ao meu **nome**, preservando minha identidade. () Sim Não



Participante



Local e data